

Revista Informativa

# ESPAÇO ACADÊMICO

Faculdade Católica Rainha da Paz - Araputanga - MT

Ano V - Nº 12 - Mar/Jul 2008

**DA SELVAGERIA À HUMANIZAÇÃO,  
OU VICE-VERSA (EDITORIAL)**

**A FELICIDADE NOSSA DE CADA DIA (P. 26)**

**TRABALHO, TÉCNICA E NOÇÕES DE ECONOMIA(P.14)**



[www.shalonveiculos.com](http://www.shalonveiculos.com)



fone: (65)3634-8888 fax: (65) 3623-8888

# REDESYS

INFORMÁTICA

UMA EMPRESA DO SICREDI



**Livraria D.A.**

*Cultura e bom gosto ao seu alcance*

**Precisando de livros...**

**A livraria D.A. oferece uma completa variedade de livros técnicos e literários.**

Av. São João, 224 - Em frente a Unemat - Cáceres-MT - (65) 3223-8585  
Av. Mato Grosso, 878 - São José dos Quatro Marcos - (65) 3251-2086  
[livrariada@terra.com.br](mailto:livrariada@terra.com.br)



## INDICE

Da Selvageria à Humanização, ou vice-versa	04
Esportes Coletivos na Escola	05
Educação Física & Educação Infantil	06
A leitura e a escrita como produção de sentidos	06
Pedagogia da Autonomia	09
Nota Fiscal Eletrônica	11
Controle Financeiro e Fluxo de Caixa	12
A Matação dos impostos das pequenas empresas	13
Trabalho, Técnica e Noções de Economia	14
Meio ambiente, Ética e Responsabilidade Social	18
O Fenômeno da Violência	20
FCARP Notícias	21
A Igreja e os Jovens	24
A Felicidade nossa de cada dia	26

## Maria de Nazaré



Não é possível falar "Mãe" sem imaginar dois braços abertos e um coração inesgotável de amor. Pensar Maria de Nazaré em seu trato com a comunidade de seu tempo, é pensar em Bondade e Amor.

Da leitura dos santos Evangelhos aprendemos que Maria acolheu os pastores na gruta de Belém, recebeu os santos reis em sua casa e ofereceu a todos eles o presente mais belo: Jesus. Em Caná da Galiléia Maria de Nazaré manifesta a grandeza do seu coração prevendo a necessidade de seus amigos e suplicando a Jesus seu primeiro milagre, que transformou água em vinho.

Nos dois milênios de vida da Comunidade Católica - a Igreja - Maria de Nazaré sempre foi considerada como mãe carinhosa, que vai ao encontro dos seus

filhos, principalmente dos mais pobrezinhos e humildes. O culto e a devoção à Nossa Senhora, que desenvolveu-se ao longo desses dois milênios de história da Igreja, é uma prova mui evidente da bondade acolhedora de Nossa Senhora.

A existência de tantos Santuários Marianos (Casas de Maria) pelo mundo afora demonstra como essa Mãe Celestial é carinhosamente cuidada com seus filhos. Para compreender o carinho acolhedor de Nossa Senhora basta visitar os Centros de Devoção Mariana, que são milhares espalhados pelo mundo, e ver as multidões que, confiantes, chegam aos pés de Maria: em Lourdes, na França, mais de 6 milhões; em Fátima, Portugal, mais de 5 milhões; em Guadalupe, no México, mais de 12 milhões; e no Brasil, em Aparecida do Norte, mais de 11 milhões de peregrinos todo ano. Sem contar outros inumeráveis santuários.

Maria acolhe, abençoa, abraça e encaminha a Jesus. Se não fosse assim, não teríamos explicação razoável para um fenômeno de tamanha proporção. Não podemos duvidar da acolhida maternal de Maria para todos. Os poucos super-homens, que se julgam insensíveis perante este fenômeno e intocáveis frente a estas emoções dos pobres e ignorantes, não podem ser considerados modelos e mestres. Ainda mais quando sabemos que alguns deles que se achavam "grandes", depois de terem desprezado a "Mãe", foram conquistados pelo seu carinho e a ela entregaram-se como criancinhas. O poder acolhedor de uma Mãe, como Nossa Senhora o é, subjuga qualquer espírito rebelde, pois seu olhar é conquistador e é difícil lhe resistir.

Mãe é Mãe, e em Maria de Nazaré a maternidade espiritual foi consagrada pela palavra do próprio Jesus na hora do seu sacrifício na cruz quando disse à Maria; "Eis aí teu filho". Cabe a cada um de nós valorizar, acolher e experimentar o amor maternal de Maria lembrando a palavra do mesmo Jesus: "Eis aí tua Mãe". Nossa vida será outra.

Pe. Celso Duca

## EXPE-DI-ENTE

**Directora**  
Marilza Larranhagas da Cruz

**Edição Geral e Arte**  
Marcelo Porrua

**Revisão**  
Eda Lúcia Seberm Marquezini  
Elizabeth Eiko Nakagha Sato

**Designer Gráfica**  
Renata de Fátima Rebuli Pinto

**Departamento Comercial**  
Eleuzamar Maria da Silva

**Conselho Editorial**  
Eda Lúcia Seberm Marquezini  
José Coelho Pinto  
Marisa Brito Aguiar  
Cleusa Bernadete L. Mamedes

Impressão:



# DA SELVAGERIA À HUMANIZAÇÃO, OU VICE-VERSA

Na esfera da evolução, acredito que o pêndulo da história em busca de equilíbrio também funciona. Explico: Conforme a teoria de Darwin o homem chegou ao ponto de Homo Sapiens deixando gradativamente sua condição de selvagem e se aprimorando enquanto humano. Depois de milênios de história, alguns retornam à selvageria, como se dela fossem saudosos; e, como se não bastasse, criam sistemas elaborados, de alta complexidade para perpetuar ou institucionalizar as relações selvagens dos primórdios da espécie. Para dizer mais diretamente, o capitalismo, em sua forma mais grotesca, selvagem, leva o ser humano a uma gradativa desumanização.

Não precisamos ser profundos conhecedores da história humana para detectarmos que as relações entre as pessoas, salvo algumas exceções raras, e cada dia mais raras, estão criticamente pautadas em aspectos primitivos, onde as necessidades mais básicas, instintuais são as que mais têm lugar na vida das pessoas. A busca desenfreada pelo prazer nos coloca, enquanto humanidade, cada dia mais próximos do selvagem, primitivo, instintual. E essa busca vem legitimada de várias formas, como a tal "competitividade", "eficiência", "notoriedade" que não medem esforços para que o ego somente esteja satisfeito com uma super dose de afagos.

Será que a atitude do pavão de se enfeitar para a sedução de sua fêmea não é bem menos selvagem que a de um homem que dirige a 200 quilômetros horários para encantar uma mulher que apaixonou-se mais pelo carro do que pelo próprio homem? O pavão tem suas próprias penas, mas o homem para conseguir pavonear-se tem muitas vezes que sacrificar muitos outros ao seu redor para que ele sobreviva e possa ostentar o seu poder, a sua



riqueza. O pavão tem vergonha de seus pés que são feios, mas o capitalismo não mede esforços para que, por detrás da oportunidade para todos, seja feita uma seleção nada natural, pois se alguém tem lucro é porque outros têm prejuízo; e não tem vergonha disso.

Novamente o homem retrocede ao seu momento histórico mais primitivo e deixa a vida em comum, o reconhecimento do outro como um ser igual a si mesmo, para entrar na era escura e primitiva do egoísmo. A busca pelo capital, pela riqueza, pelo dinheiro, se faz na absoluta solidão. Será que os benefícios da vida não são potencializados à medida que saem das trevas e são multiplicados entre muitos, divididos entre todos, diminuídos de um para ser somado a tantos outros?

No início, o capitalismo buscava o acúmulo de bens, algo concreto que poderia ser rapidamente distribuído em benefício de outros, hoje a idéia plástica e material do bem de consumo foi substituída pela virtualidade do capital, do dinheiro que nem mais sequer é de papel. São números numa conta bancária, fruto da especulação e

não de empregos e trabalho. É a busca selvagem pelo capital que desumaniza o homem e o coloca numa posição selvagem, pois seus instintos voltam-se todos não mais para a sobrevivência, mas para a geração de riquezas, não basta mais viver com dignidade, o Homo Capitalis busca a todo custo, sem regras, leis, ética ou moral, a multiplicação do capital, e não do pão.

Enquanto pensarmos mais nos saldos das contas correntes do que no resultado de nossas relações com as pessoas, enquanto pensarmos mais na aparência que temos para seduzir o outro do que no que temos em nossa alma para oferecer ao outro e encantá-lo, enquanto sexo for mais importante do que amor, enquanto nossas amizades forem mais virtuais do que reais, enquanto o TER for mais importante do que o SER, enquanto competir for mais importante do que cooperar, estaremos fadados a inaugurarmos uma nova raça, bem menos humana. Torçamos para que o pêndulo da história nos traga de volta a humanidade perdida.

marcelo porrua

# ESPORTES COLETIVOS NA ESCOLA



O objetivo deste estudo é questionar as formas tradicionais de ensino do esporte escolar e apresentar propostas de ensino que valorizam as possibilidades de cada aluno. A Educação Física escolar, em sua concepção tradicional e atual, tem no esporte seu conteúdo mais trabalhado pelos profissionais da área. Por desinformação em relação à diversidade de conteúdos indicada para o contexto escolar ou por mero desinteresse do professor da disciplina, o esporte na escola é descontextualizado e desvinculado do projeto pedagógico da escola, fragmentado, visando à especialização precoce do aluno em determinada modalidade esportiva. Neste contexto, os professores ensinam através do método parcial que se restringe a aquisição de gestos técnicos específicos por meio da repetição de movimentos até alcançar sua automatização, num momento em que as crianças deveriam ser estimuladas pela ludicidade, vivenciando jogos e brincadeiras para aquisição de conhecimentos táticos do jogo coletivo. Além do mais, a escola é palco de diversidades sócio-culturais, o aluno é o ator principal do processo de ensino-aprendi-

zagem e o professor deve ser o gerador deste processo. Nossos atores têm histórias de vida que devemos considerar ao pensar no esporte escolar, entendendo que este deve ser um facilitador do processo educacional, no qual é priorizada a iniciação esportiva sendo desenvolvido de forma organizada, planejada e sistematizada, com os alunos tendo a oportunidade de rever constantemente os conteúdos aprendidos, aprender algo novo e preparar-se para aprendizagens futuras. E ainda, respeitam-se as diversas fases de ensino, o desenvolvimento dos alunos e a diversificação de movimentos e modalidades. A proposta de Claude Bayer utiliza-se de princípios operacionais dos jogos coletivos que devem ser ensinados no âmbito geral possibilitando a transferência destas experiências para situ-

ações análogas estruturalmente, princípios estes que regulamentam as atitudes e comportamentos de cada jogador, desenvolvendo e melhorando suas capacidades técnicas e táticas. Os princípios comuns dos jogos coletivos são: a bola, o terreno de jogo, os alvos, as regras, os companheiros e os adversários. Júlio Garganta segue a mesma linha de raciocínio de Claude Bayer, afirmando que para se ensinar qualquer jogo esportivo coletivo o processo deve centrar-se nos jogos condicionados, em que do jogo parte-se para as situações particulares; o jogo é decomposto em unidades funcionais, e o seu desenvolvimento se dá de forma sistemática e de complexidade crescente. A perspectiva do jogo possível elaborada por Roberto Paes é organizada para o âmbito escolar, no qual os jogos coletivos possuem uma lógica (tática) comum que são os sistemas defensivos e ofensivos, e a passagem de um sistema ao outro, a transição. Os aspectos técnicos abrangem fundamentos comuns aos jogos coletivos que são o domínio do corpo, a manipulação de bola, o passe, a recepção, o drible e a finalização. Posteriormente são incluídos fundamentos específicos de cada modalidade e estruturas de ações que visem trabalhar situações de jogo. Paralelamente é enfatizado o referencial socioeducativo, princípios indispensáveis para o desenvolvimento da personalidade do aluno como a cooperação, participação, convivência, emancipação e autonomia.





# EDUCAÇÃO FÍSICA & EDUCAÇÃO INFANTIL:

ALGUMAS PERCEPÇÕES  
SOBRE O BRINCAR  
E O MOVIMENTO CORPORAL NA  
ESCOLA DE PRIMEIRA INFÂNCIA

\*Lizia Kelle dos Santos Almeida  
\*Beatriz Rodrigues Oliveira  
\*\*Márcia Coffani

Este texto é uma síntese das discussões estabelecidas em relação aos objetivos do brincar e o processo de ensino-aprendizagem da criança, de 0 a 6 anos, pela via do corpo em movimento, na Educação Física Infantil. Estes aspectos foram investigados na fase de Observação da disciplina "Estágio Supervisionado I", ministrada no Quinto Semestre, do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física/FCARP, nas Instituições de Educação Infantil, nos municípios da região Vale do Jauru.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) ressalta a relevância da vivência do movimento corporal para a formação integral da criança, nesta etapa, por entender que "Ao movimentar-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades de uso significativo de gestos e posturas corporais". Compreende que o "movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o seu meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio do seu teor expressivo" (RCNEI, 1998). Neste mesmo sentido, Freire (1997) afirma que é por meio da ação corporal que a criança "(...) transforma em símbolos, linguagens, raciocínios, suas exigências". Contudo, para isso precisa ser "(...) provocada, estimulada para poder conhecer, criar, transformar" o mundo ao seu redor e estabelecer relações sociais.

Apesar dessa orientação, percebeu-se que ainda permanece enraizada à concepção cultural de que o brincar com o corpo em movimento seja uma mera atividade descompromissada de objetivos, ou seja, não se assegura o brincar à criança como uma atividade fundamental que pode promover-lhe o desenvolvimento das capacidades motoras, sócio-afetivas e cognitivas. O mover o corpo é oferecido às crianças como "refresco" ou "prêmio" pelo bom comportamento e aprendizagem de conhecimentos afins, sem relação direta com a aprendizagem de conhecimentos expressivos ou da cultura lúdica infantil. Em oposição às orientações curriculares para a Educação Infantil (RCNEI, 1998), viu-se uma falta de importância do corpo em movimento, enquanto objeto de desenvolvimento integral, da formação da criança, nesta fase.

Os momentos destinados ao brincar em alguns casos ainda ocorrem de forma aleatória e esporádica contrariando a orientação de vários estudos na área do desenvolvimento psicomotor infantil que são enfáticos ao afirmarem a importância da criança, vivenciar e apreender o mundo por meio de "(...) brincadeiras de faz-de-conta, os jogos de construção e aqueles que possuem regras, como os jogos de sociedade (também chamados de jogos de tabuleiro), jogos tradicionais, didáticos, corporais, etc" (RCNEI, 1998). Observando a teoria e a prática de estágio, nota-se que há uma necessidade de maior tempo para realização das atividades voltadas



# A LEITURA E A ESCRITA COMO PRODUÇÃO DE SENTIDOS

\*Ana Maria Di Renzo

Este artigo pretende fazer uma reflexão sobre leitura e escrita enquanto práticas discursivas de produção de sentidos, rompendo com a concepção de que tais processos resultam de uma relação empírica entre indivíduos e linguagem. Por isso, pensar a leitura e a escrita, a meu ver, implica pensar sobre a língua e sobre a relação dessa língua com os sujeitos na relação com o mundo.

Ao deslocar essa reflexão para a análise de discurso, a relação do homem com a língua e o mundo é desnaturalizada, ou seja, na linguagem, não há evidências, logo, não há como assegurar intenções, pois o homem não tem intenções, o que ele faz é interpretar. Segundo Orlandi (1998), não há sentido sem interpretação, o que está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem.

Para Análise de Discurso(AD) a língua é um sistema que tem uma ordem própria, mas ao mesmo tempo, é um sistema não estável, ou seja, é uma estrutura que tem flexibilidade, plasticidade, pois a relação de significação se faz nessa exterioridade.

Com isso chegamos a noção de texto. Para a AD não existe relação dos sujeitos com a língua pela palavra ou pela sentença como unidades da língua. Para essa teoria o Texto entendido não como soma de frases ou de interlocutores, mas texto enquanto peça. Segundo Orlandi, é uma peça teatral, uma peça de linguagem que tem uma unidade significativa. Assim, não é a soma de palavras ou frases que significam X, mas o que o texto faz significar pela forma como se organiza.

O fato de vivermos numa sociedade de escrita nos impõe a escrita como estruturante dos próprios sujeitos, pois ela é lugar de constituição das relações sociais, o que nos leva a compreender que as relações sociais são atravessadas pelo modo como os sujeitos se relacionam com a língua, de modo particular com a língua escrita.

Assim como na leitura, a escrita não é da ordem do ensino simplesmente, pois aprender a escrever não é aprender a fazer transcrição da fala, é aprender pensar por escrito de tal maneira que o sujeito possa se inscrever numa estrutura em que a escrita tem função social. Segundo De Lemos, escrever tem a ver com o funcionamento do texto que se escreve num trabalho regrado de várias formas, pois segundo ela, a escrita exige de quem escreve um deslocamento para o papel de leitor de si próprio, como também, a transformação desse papel em posto de observação, a partir do qual se avalia o que já foi escrito e o

coordena com o que está por escrever (...) que o aproxima de uma autoria responsável (in Rojo,1998,p.15). Ainda segundo essa autora, "saber" sobre a escrita antes de saber ler e escrever diz respeito não a um saber a língua, mas um "saber" relacionado às práticas de interlocução mediadas pelo objeto-texto

Esta concepção de escrita rompe com a idéia de escrita como escolarização, alfabetização, concepções desgastadas e mal compreendidas; escrever, no modelo escolar contemporâneo, é transcrever a fala. Este pensamento faz parte de um discurso pedagógico em que impera o conhecimento da metalinguagem, onde o importante é a forma que essa língua tem e que funciona como conteúdo, construindo a idéia de objetividade do sistema lingüístico.

E pela idéia de objetividade se constrói uma outra ainda pior: a de homogeneidade que aos poucos institucionalizam sujeitos e os saberes, isto é, definindo quem pode aprender o que e de que forma. É o que Cláudia Pfeiffer chama de tirania da igualdade, pois ao mesmo tempo que se homogeneizam os sujeitos, individualizam-nos, tomando-os objetos das políticas públicas.

Essa idéia de metalinguagem é trazida pela idéia da normatividade, da norma da língua determinada, a língua do Estado que deve ser ensinada. Essa idéia ligada a de democratização do ensino do último século fortalece, por outro lado, a idéia de unidade/igualdade lingüística. Nesse caso, todos devem alcançar o domínio da língua culta. Se todos devem, esse alcance torna-se uma obrigação e quem não o alcança, fica de fora, fica em falta. Por isso, a igualdade é tirânica, pois pelo efeito de igualdade, produz-se o efeito de incapacidade, que por sua vez gera o efeito de submissão, isto é, o de estar submetido aos dizeres e aos escritos dos outros, submissão que se estende e se espalha nas demais relações de poder na sociedade, fazendo emergir os sentidos de fortes e fracos, capazes e incapazes.

Para tanto, é preciso re-aprendermos a ler e escrever para compreendermos que fazer uma letra, traçar um signo da escrita com consistência é um gesto inaugural de um processo de identificação particular. No gesto da escrita, a letra é o patamar visível de uma nova relação com o simbólico, com o sentido, com a subjetividade e com o outro, na sociedade e na história. É uma construção simbólica fundadora (Orlandi, 1999).

\*Doutora em Linguística,  
coordenadora do curso de Letras FCARP

para o corpo em movimento na escola de primeira infância. Para isso, é necessária, a compreensão por parte de gestores, professores e pais sobre a importância das atividades expressivo-corporais, de forma que sejam incluídas e possibilitadas na rotina escolar à organização contínua de momentos pedagógicos para vivência do jogo, da dança, da brincadeira, entre outras práticas culturais do corpo que se movimenta. Acredita-se ainda que, essas mudanças das formas de pensar e conceber o desenvolvimento infantil perpassam e envolvem diretamente as dificuldades de formação profissional inicial e capacitação continuada dos atores envolvidos no processo diário e cotidiano de educação.

Pode-se observar que há algumas restrições ao desenvolvimento da criatividade e inventividade o que limita a vivência da ludicidade pelas crianças, pois sempre exercem o papel de meros executadores de tarefas, numa posição de passividade em relação a quem dirige o processo de ensino. Diagnosticou-se que nestes casos, a indisciplina das crianças aparece como uma forma de resistência há um momento que deveria ser de descoberta das possibilidades do próprio corpo.

Viu-se também que as brincadeiras tradicionais do mundo infantil ainda continuam a fazer parte do cotidiano das crianças de hoje, que estão sempre dispostas para brincar de pega-pega, seu ratinho, pique-esconde, etc.

A respeito do papel da Educação Física Infantil afirma-se, com base nos estudos e discussões realizadas, que a aula não deve ser um "fazer por fazer", assim como as outras áreas de conhecimento, há a necessidade de planejamento pedagógico, organização dos conteúdos, ampliação de conhecimentos e troca de experiências entre os profissionais que lidam com os conhecimentos do corpo em movimento. A falta de espaços físicos adequados para vivência das práticas corporais não deve consistir no empecilho fundamental para as crianças deixarem de fazer o que de melhor sabem fazer "brincar". Isso não significa que os jogos e brincadeiras sejam os únicos métodos e solução para os problemas pedagógicos, na Educação Física Infantil, contudo, diante das características psicomotoras da criança nessa fase, não há porque não valorizá-los.

Por último, reconheceu-se que há, de um modo geral na Educação, a necessidade dos programas de formação de professores promoverem a revisão de velhos paradigmas sobre o papel político e pedagógico da Educação Física na Educação Infantil, em especial, a favor da garantia e do direito da criança de brincar e aprender pelo corpo em movimento.

\*Acadêmicas do 8º Semestre do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física - FCARP  
\*\*Prof. da Disciplina de Estágio Supervisionado, do Curso de Educação Física - FCARP



# PEDAGOGIA DA AUTONOMIA:

## A PRÁTICA DOCENTE PAUTADA PELA ÉTICA HUMANISTA

A partir da crença na imortalidade de Paulo Freire, e na inspiração que a atualidade da sua obra continua despertando nos educadores, é que nos foi proposto como parte das atividades do projeto de formação continuada Sala de Formador, a leitura de diversas obras freirianas. Entre elas, fomos contempladas com a *Pedagogia da Autonomia*, São Paulo: Paz e Terra, 1996, que ora nos motiva essa produção.

Com o subtítulo *Saberes necessários à prática educativa*, Freire nos oferece uma verdadeira aula do que é ser professor, discorrendo sobre as exigências do exercício da docência, nos

leva a questionar a própria prática, abalando as certezas construídas.

Sempre convocando os educadores a pensarem certo, o saudoso mestre materializa em texto a sua filosofia educativa a respeito da complexa relação professor/aluno, em que afirma sabiamente "Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro" (p. 23). Destaca, também, a importância do respeito aos saberes dos educandos, e a necessidade de um trabalho que prime pela pesquisa, objeti-

\*Márcia Elizabeti Machado de Lima  
\*\*Maria José da Silva

vando ao que chama de promoção à curiosidade epistemológica, que se dá por meio da indagação da realidade, fomentada pelo professor, ao se colocar como sujeito que olha o mundo, criticamente, e não como alguém que se conforma com ele.

Ao defender uma prática pedagógica pautada pelo rigor, pelo respeito às diferenças, pela pesquisa, pela aceitação do novo, pela criticidade, pela ética, em que o professor eduque pelo exemplo, alinhando o discurso à prática, Paulo Freire traduz tudo



isso como "Decência e boniteza de mãos dadas".(p.32).

À luz do entendimento de que somos seres em constante construção, Freire alerta à conscientização da possibilidade de reversão do condicionamento sócio-cultural de que somos vítimas, assim se pronunciando: "Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam."(p.54). Para tanto, ressalta o papel de uma educação que se reconhece como responsável à formação de sujeitos agentes, de educadores que exercitam a autonomia na prática cotidiana, respeitando a autonomia e a dignidade do outro.

Uma das questões de grande importância discutidas na obra, diz sobre os equívocos relacionados à compreensão do que seja autoridade, confundida, muitas vezes, com autoritarismo; e da liberdade confundida com licenciabilidade, que implicam em problemas de disciplina/indisciplina, dificultando as relações no interior das salas de aula, e influenciando, fortemente, no processo de ensino e de aprendizagem. Alerta, então, que "Somente nas práticas em que autoridade e liberdade se afirmam e se preservam enquanto elas mesmas, portanto no respeito mútuo, é que se pode falar de práticas disciplinadas como também em práticas favoráveis à vocação para o ser mais." (p.89).

Perseguindo o objetivo de refletir sobre a educação voltada aos ideais de uma formação integral, que conjugue valores cognitivos, afetivos, políticos, culturais, sociais, de forma indissociável, nosso autor nomeia o terceiro e último capítulo: Ensinar É Uma

Especificidade Humana. Aqui é o lugar em que Freire reforça os conceitos abordados em outras partes da obra, em que reafirma a sua defesa da necessidade de que o professor se comprometa em construir, constantemente, a competência profissional, ancorada em valores humanos, que constituem os pilares da autoridade docente.

Entre os valores apresentados como essenciais ao ensino comprometido com a formação humana, é dada bastante ênfase à generosidade, que impede a manifestação da arrogância, expressada, às vezes, pelo desrespeito ao processo cognitivo do educando, que, nem sempre, é semelhante ao do educador, o que não se constitui em inferioridade. Completando essa idéia, temos que "O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico." (p.92).

Imbuída do pensamento que perpassa todas as obras de Freire, a ética humanista, nesta obra, em especial, aponta para a importância do exercício responsável da docência que se deixa guiar por princípios essencialmente humanos, com toda a complexidade que envolve uma prática pedagógica pautada na "escuta do outro", na "dialogicidade", na "abertura" constante ao próprio crescimento, que não descarta o crescimento do outro. Concluindo, "O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca." (p. 144)

\*Professora da área de linguagem da FCARP e CEFAPRO-Cáceres

\*\*Professora da área de Ciências da Natureza e Matemática do CEFAPRO-Cáceres



# NOTA FISCAL ELETRÔNICA

\*Alan Grassiote

O Projeto Nota Fiscal Eletrônica (NF-e) teve suas diretrizes definidas no Encontro Nacional de Administradores Tributários – ENAT, em acordo de cooperação celebrado entre a União (através da Receita Federal), os Estados e o Distrito Federal, juntamente com suas Secretarias de Fazenda (SEFAZ).

A SEFAZ-MT, com uma visão ampla dos acontecimentos no meio empresarial, aderiu a este sistema que se encontra em fase inicial de testes e tem como objetivo trazer facilidades e economia para as empresas, pois reduz a utilização de impressos gráficos. Outra vantagem é possibilitar ao fisco uma fiscalização mais acirrada, diminuindo a inadimplência na arrecadação de impostos.

A partir de 01 de abril de 2008, o projeto da NF-e foi iniciado com empresas relacionadas no ato normativo, que são obrigadas a fazer o credenciamento para utilização dos aplicativos. Com as informações contidas no manual de procedimentos e credenciamento, também as empresas que voluntariamente requererem credenciar-se, ficarão sujeitas a cumprir as etapas dos procedimentos. Para que isso aconteça, a empresa deverá possuir o Certificado Digital Jurídico, com as funções de Assinar Digitalmente as NF-e e Certificar/identificar a empresa ao conectar-se com o servidor da SEFAZ-MT. Assim, a empresa deverá adequar seu próprio sistema ao sistema da SEFAZ, e fará uso do aplicativo transmissor que estará disponível para download no site da SEFAZ-MT.

Na fase de testes iniciais as empresas farão várias operações de emissões, transmissões, cancelamentos, inutilizações, etc. com objetivo de testar os aplicativos e a comunicação entre o sistema da empresa e o servidor de

homologação dos serviços de emissão de NF-e da SEFAZ-MT. A última fase de teste será a de emissão simultânea, que consiste em emitir NF-e simultaneamente à emissão de NF Mod. 1 ou 1A.

Depois que a SEFAZ-MT constatar a regularidade da empresa, e não havendo nenhum fato impeditivo, será concedida a entrada na fase de produção, ou seja, a empresa estará apta e credenciada para o uso da NF-e e será divulgada no Diário Oficial do Estado. Todas as fases de testes serão acompanhadas pela equipe técnica da SEFAZ-MT que poderá entrar em

contato com a empresa por meio eletrônico ou telefone, devido ao grande interesse no sucesso deste projeto. No momento do credenciamento a empresa irá informar três pessoas que deverão ser treinadas a estarem aptas ao uso desse novo sistema, que são o Administrador, um técnico de informática e o contador. O CRC-MT (Conselho Regional de Contabilidade) juntamente com a SEFAZ-

MT tem realizado palestras para a classe contábil a fim de esclarecer dúvidas, e apresentar essa nova tecnologia que esperamos que facilite a vida de todos os interessados no êxito desse projeto.

Esse novo projeto nos faz pensar: Qual será a visão dos contadores a respeito da NF-e? Na prática, trará ou não benefícios às empresas? Facilitará os serviços dos contadores com a implantação da NF-e? Depois de algum tempo, superada a etapa dos testes, voltaremos a escrever sobre essas impressões. Mas de uma coisa estamos certos: ficará ainda mais complicada a vida dos sonegadores.



\* Acadêmico do 7º semestre de Ciências Contábeis - FCARP

# CONTROLE FINANCEIRO E FLUXO DE CAIXA

\*Regiane Patrícia Marim Cordeiro  
\*\*Cristiane Otília Colossi Bernhardt



Segundo Matarazzo (2007, p. 363) "Fluxo significa movimento. Assim, fluxo de caixa pode ser definido como movimento de caixa", logo o Fluxo de Caixa evidencia todas as entradas e saídas de dinheiro em um determinado período, possibilitando assim, uma visão geral do giro financeiro da empresa. Pelo fato de sua elaboração não ser exigida pela lei 6404/76 (Lei que torna obrigatória a apresentação das Demonstrações Contábeis ou Financeiras), mas, porém, de grande utilidade para o controle financeiro, surgiu a necessidade de verificar a sua utilização nas empresas, delimitando entre as micro e pequenas empresas, que vem se destacando no mercado. Essa Demonstração oferece ao usuário informações indispensáveis para a administração da empresa. O relatório por ele adquirido evidencia toda a movimentação da entidade, ou seja, de entrada e saída de numerários, mostrando assim a captação dos recursos e onde os mesmos foram aplicados. Analisando o fato de que o Fluxo de Caixa é uma demonstração que visa transparecer as movimentações de entrada e saída, a qual pode ser utilizada pelas micro e pequenas empresas, pois, ao levarmos em consideração o curto tempo de vida dessas empresas e as consequências do mercado competitivo, os resultados por intermédio dele obtidos, ajudará com que a empresa permaneça atuando no mercado, prestando serviços de qualidade e gerando emprego para os municípios.

Pois como diz Souza (2007, p.39):

O Fluxo de Caixa é importantíssimo em qualquer empresa, seja qual for o seu tamanho, digamos mesmo que é imprescindível. Por essa planilha poderemos prever, a distancia no tempo, se vamos necessitar de recursos extras para solver nossos compromissos, dentre outras informações importantes.

Como o próprio Autor relata o Fluxo de Caixa não é só importante para as pequenas empresas, mais sim, para todas, independentemente do seu tamanho. Mas devido ao crescimento das pequenas empresas no mercado e pelo fato de muitas delas decretarem falência em pouco menos de dois anos de atividade, a pesquisa será com base nas micro e pequenas empresas.

Para Matarazzo (2007, p.363): "Quase sempre os problemas de insolvência ou iliquidez ocorrem por falta de adequada administração do fluxo de caixa".

Alguns fatores como a concorrência acirrada, impostos, fazem com que as micro e pequenas empresas necessitem de recorrerem a meios para se manterem no mercado, que está cada vez mais globalizado e competitivo. A forma mais evidente é o correto controle interno, evitando assim, empréstimos sob nenhuma avaliação, acarretando o pagamento de altas taxas de juros. É necessário que os recursos sejam administrados com exatidão, fazendo assim investimentos lucrativos.

O Fluxo de Caixa proporciona um controle exato e transparente dos movimentos da empresa. Pois, possibilita um planejamento das contas a pagar e receber, mostra onde estão os excessos de dinheiro, evidencia todas as entradas e saídas de recursos e de que forma estão sendo aplicados, dessa forma mantendo o controle financeiro. Sem esse tipo de informação não é possível projetar futuros investimentos, programar pagamentos, enfim não se sabe qual foi o resultado financeiro da empresa. Esse resultado contribui para programar as compras, para que os vencimentos das duplicatas sejam condizentes aos recebimentos provenientes das vendas de mercadorias ou serviços, dentre a tantos outros benefícios que já foram citados no decorrer da pesquisa.

Como já se sabe as pequenas empresas vem sofrendo grande pressão no mercado, e para que as mesmas possam sobreviver a tal, devem manter – se equilibradas financeiramente, e é exatamente o que o Fluxo de Caixa vem a oferecer, um controle ideal das contas a pagar e a receber, previsão de gastos e recebimentos futuros, possibilitando assim saber a qualquer momento como está a situação financeira da empresa.

\*Aluna egressa FCARP

\*\*Professora FCARP

# A mutação dos impostos das Pequenas Empresas

\*Luciani Freire Sanches da Silva

A primeira Lei a beneficiar as Pequenas Empresas foi a Lei 1.780/80, que as isentou do Imposto de Renda das Pessoas Jurídicas cujas receitas não ultrapassassem a receita operacional e não-operacional igual ou inferior a 3.000 ORTN.

Após a Lei 1.780/80 surgiu a Lei 7.256/84, onde foi criado o Estatuto das Microempresas para aquelas cuja receita anual fosse igual ou inferior a 10.000 ORTN. Este estatuto posteriormente passou por uma modificação através da Lei 8.864/94, passando para Microempresa aquela cuja receita fosse inferior ou igual a 250.000 UFIR e criando a Empresa de Pequeno Porte, cujas receitas fossem igual ou inferior a 700.000 UFIR. A reformulação do Estatuto ocorreu através da Lei 9.841/99, passando para já em reais os limites de receita da Microempresa para até R\$ 244.000,00 e da Empresa de Pequeno Porte de R\$ 244.000,00 a igual ou inferior a R\$ 1.200.000,00.

Após essas Leis surgiu o SIMPLES. Primeiramente sendo chamado de SIMPLES Federal, através da Lei 9.317/96, trouxe a unificação da esfera federal abrangendo em uma única guia de pagamentos impostos como: IRPJ, CSLL, PIS e COFINS. Microempresa era considerada quando receita fosse igual ou inferior a R\$ 120.000 e alíquotas de 3% a 5%, já as Empresas de Pequeno Porte eram consideradas aquelas cujas receitas fos-

sem de R\$ 120.000,01 até R\$ 720.000,00 e alíquotas de 5,4% a 7%. Nas prestadoras de serviços ocorria a majoração na alíquota de 50% se as receitas provenientes da prestação de serviço fosse maior do que 30% do total das receitas de vendas de mercadorias, se fosse apenas a prestação de serviço majorava direto e para indústria era acrescido 0,50% no percentual da alíquota.

A Lei 9317/96 passou por duas alterações, a primeira foi a expansão através da Lei 9.732/95 do limite das Empresas de Pequeno Porte para R\$ 1.200.000,00 e alíquota para até 8,6% e a segunda foi através da Lei 11.196/05 onde enquadravam como Microempresas as empresas cujas receitas fossem até 240.000,00 e alíquotas até 5,4% e Empresas de Pequeno Porte as empresas cujas receitas fossem de R\$ 240.000,01 até R\$ 2.400.000,00 e alíquotas de 5,4% até 12,6% e ultrapassando os 2.400.000,00 a alíquota era de 15,12%.

Sem incentivos, com cadastros burocráticos, sem isenção de impostos nas exportações, concorrências desleais entre Microempresas e Empresas de Pequeno Porte com empresas de médio e grande porte nas licitações e dependendo de parcelamentos que eram autorizados em Leis específicas fez com que os estudos se evoluíssem chegando até o SIMPLES Nacional.

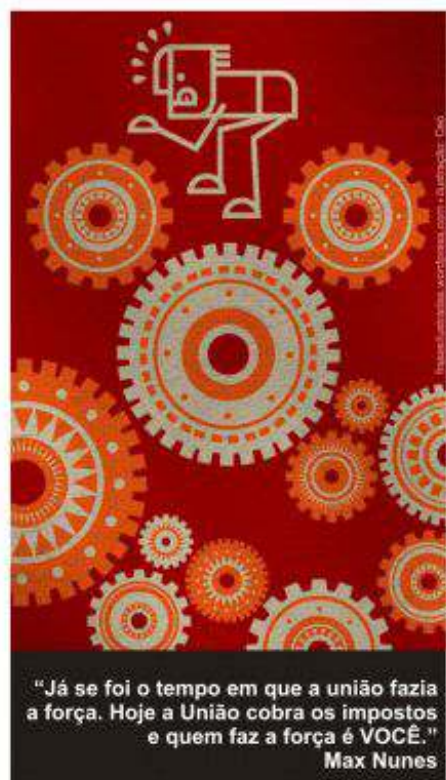
Instituído pela Lei Com-

plementar 123, e posteriormente alterado pela Lei Complementar 127/2007, surgiu o chamado de SIMPLES Nacional ou Super Simple que abrange a unificação das esferas federais, estaduais e municipais contendo os impostos: IRPJ, CSLL, PIS, COFINS, IPI, ICMS, ISS, INSS E Contribuição Patronal.

Com alíquotas diferenciadas para comércio, indústrias e prestadoras de serviço e abrangendo maiores ramos de atividades, inclusive a classe contábil, o SIMPLES Nacional também trouxe um cadastro menos burocrático, melhor concorrências nas licitações, consórcios, parcelamentos, isenção de impostos nas exportações.

Portanto, conclui as mutações ocorridas, possibilitou a cada evolução, maior fortalecimento das Pequenas Empresas que lutam no mercado competitivo para sua sobrevivência e a tão sonhada solidez no mercado atual.

\*Aluna egressa do Curso de Ciências Contábeis FCARP



# TRABALHO, TÉCNICA E NOÇÕES DE ECONOMIA

Igor França

Nas últimas semanas, a seção sobre economia dos jornais Folha de São Paulo e do Estado de Minas ficaram recheadas de informações sobre o Agronegócio. Nesses poucos anos que tenho de vida, não me recordo de ver tanta notícia sobre a economia que vem do campo. O mundo tem dado uma atenção enorme para a atividade agrícola, preocupada com a alta do preço dos alimentos nesses últimos anos. Segundo o Diretor-Geral do Fundo Monetário Internacional (FMI), Dominique Strauss-Kahn, o preço dos alimentos avançou 46% de 2006 até 2008 e "se os preços dos alimentos continuarem no caminho que estão hoje teremos consequências terríveis. Milhares de pessoas passarão fome, o que levará a

uma quebra do sistema econômico", diz. Pelas contas do Banco Mundial (BIRD), nos últimos três anos, os alimentos encareceram 83%!!! Só o trigo subiu 181%!!!! Pasmem!!!!

E sabem por que essa alta no preço dos alimentos? Simplesmente porque um princípio básico da economia está em desequilíbrio. O Equilíbrio entre Oferta e Demanda está prejudicado e os alimentos estão encarecendo por vários motivos. Um deles é que o crescimento da economia mundial nos últimos anos (principalmente em países emergentes como o nosso), que fez mais pessoas consumirem alimentos. Segundo o Demógrafo inglês THOMAS MALTHUS (1766 – 1834), o problema da questão

alimentícia mundial é que a produção de alimentos cresce de forma linear, enquanto a população cresce de forma exponencial. Traduzindo: o número de pessoas comendo cresceu muito mais do que a produção de alimentos. E o que isso tem a ver com a alta dos preços? Tudo. Costumo dar um exemplo clássico sobre esse acontecimento. Vamos supor que vou dar a última prova do semestre para 30 alunos desesperados e precisando tirar 10 para passar de ano. Ótimo, só que esses 30 alunos esqueceram de levar uma caneta para fazer a prova. Por coincidência, eu vendo canetas e tenho exatamente 30 comigo e cada uma vale o equivalente a R\$ 1,00. Resolvido o problema certo? Agora vamos supor o mesmo cenário que descrevi, mas dessa vez eu tenho somente uma caneta para oferecer aos mesmos 30 desesperados alunos. O que irá acontecer? Irá acontecer que eu vou vender a minha única caneta para quem pagar mais. Claro!! Tenho apenas uma caneta para 30 compradores e vocês acham que vou vendê-la por R\$ 1,00??? É isso que está ocorrendo com a economia mundial hoje em dia, principalmente em se tratando de alimentos. Com o aumento da demanda da população por alimentos e a oferta dos alimentos não crescendo proporcionalmente a esse aumento, fatalmente ocorre o que acabei de descrever: um aumento no preço dos produtos. Segundo Pierre Vilela, assessor técnico da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais, Além do aumento do consumo, as classes C, D e E dos países emergentes estão comendo melhor. "No Brasil, por exemplo, quem comia só arroz e feijão agora come bife. Então, temos que produzir mais carne



e conseqüentemente mais grãos", diz.

Outro motivo que leva a alta dos preços dos alimentos é o surgimento dos combustíveis que têm como matéria prima produtos agrícolas como milho, soja e cana. Essas produções estão sendo direcionadas para as refinarias para serem utilizados nos automóveis ou nas indústrias, ao invés de ir direto para a mesa das pessoas. O ruim é que esse aumento no preço prejudica principalmente a camada mais pobre da população.

A coqueluche dos biocombustíveis nos EUA é o Etanol à base de milho. Como os Americanos não possuem plantações suficientes para atender a demanda para a fabricação do Etanol, passaram a importar milho do México. Resultado, a tortilha (panqueca mexicana) alimento feito à base de milho, tradicionalíssimo na mesa dos mexicanos (equivalente ao nosso pãozinho de cada dia) teve um aumento absurdo nos últimos anos. Há protestos violentos da população, obrigando o governo a suspender as exportações para os EUA.

De 2005 à 2007, o milho subiu aproximadamente 80%. E não é só o milho, não!!! Segundo a mesma reportagem, o trigo, que importamos da Argentina (nossa produção é insuficiente para atender a demanda da população), cresceu em 70%. Os Laticínios cresceram 90% no mesmo período. O preço do arroz, principal alimento para bilhões de asiáticos, está 147% acima do preço praticado ano passado, e a soja, que também é destinada a produção de Etanol, pulou de R\$ 29,00 a saca em 2007, para os atuais R\$ 42,00!!!!

A questão já bateu na porta da Organização das Nações Unidas (ONU). O diretor do Programa de Alimentação Mundial (WFP em inglês), John

Powell, advertiu sobre a ascensão da "Nova face da fome", que vai requerer esforços combinados de governos, setor privado e organizações humanitárias. Mas o que isso tem haver com as nossas vidas? Simples: com a subida do preço dos alimentos, sobe junto a inflação, tal como está acontecendo agora na economia mundial (inclusive no Brasil!). E o que acontece com o aumento da inflação? Simplesmente seu dinheiro perde o poder de compra. Com o aumento da inflação, aquele produto que te vendiam por R\$ 10,00, passará a ser vendido por R\$ 15,00... R\$ 18,00... ou R\$ 20,00, ou seja, com o aumento da inflação, você acaba tendo que trabalhar mais ainda para poder continuar comprando aquilo que você sempre comprou. Um dos mecanismos para combater a inflação e evitar que ocorra essa desvalorização do nosso dinheiro é o Banco Central aumentar a taxa básica de Juros para tentar equilibrar a nossa necessidade de consumir e a produção. E quais os efeitos disso? Aumentando os juros, aquele computador ou aquela moto Pop ou Biz que você anda namorando, vai acabar tendo o seu financiamento mais caro, impossibilitando-o de poder realizar o seu sonho de mexer na internet em casa ou de não andar mais a pé. Ruim, não é? É, eu sei. Também já andei muito a pé.

Mas e aí, então o nosso futuro será negro??? Para resolvermos a questão de diminuir o preço dos alimentos e a inflação, teremos que aumentar os juros e encarecer os financiamentos e os empréstimos? E se não aumentarmos os juros? Continuaremos pagando caro pelos alimentos e teremos uma inflação alta??? Claro que não. Existe outra solução sim, onde podemos combater a inflação e reduzirmos o preço dos alimentos. Podemos resolver a questão sem sacrificar





o nosso bolso e de quebra, render um futuro próspero para todo mundo. Tenho três palavrinhas mágicas para vocês guardarem e levarem para o resto da vida. **TRABALHO, PRODUÇÃO e QUALIDADE.**

O que o mundo precisa é apenas equilibrar a produção de alimentos com a demanda da população. Precisamos produzir mais e melhor e com isso acabaremos gerando mais renda e emprego para todo mundo. A oportunidade está batendo na nossa cara. Não deixemos isso passar despercebido na vida de cada um. O mundo nunca esteve tão refém do setor agrícola quanto agora. Os países ricos e as organizações mundiais como a ONU, o BIRD, o FMI, a Organização Mundial do Comércio (OMC) e tantas outras estão implorando para que a produção (QUALIDADE), descubram com bases técnicas e muito esforço (TRABALHO), formas de atender a necessidade mundial, produzindo mais rápido e em maior quantidade a PRODUÇÃO dos alimentos.

A carne eu não preciso nem comentar, preciso? Isso aí nós mesmos sabemos que o mundo precisa de carne. Sempre vejo Russos e até Árabes (foi novidade pra mim) andando aqui pela região para avaliar a qualidade dos produtos.

O mundo implora e até ajuda com incentivos ou programas para aumentarem a produção de alimentos. A ONU já estuda formas de criar algum programa que dê uma assistência aos produtores, para que produzam mais. Nas últimas semanas, o Presidente Lula pediu ao Ministério da Agricultura que comece a "trabalhar a possibilidade" de fazer com que o Brasil se torne auto-suficiente na produção de algumas culturas. Segundo o presidente, a idéia é que os ministérios ligados à economia e à produção alimentícia estudem "os produtos que estão incidindo sobre a inflação, para ter políticas especiais de incentivo a esses produtos".

A questão alimentícia não passa apenas pela questão da

inflação nos preços não. Também é um caso de organização e paz mundial. Segundo John Powell, Diretor da WFP da ONU, "os preços dos alimentos estão aumentando em um ritmo que poucos de nós já vimos antes". Nas últimas semanas, a população de países como Camarões, Egito, Senegal, Marrocos e Haiti realizaram protestos violentos contra a inflação dos alimentos.

Segundo Thomas Malthus, existem vários motivos que podem desencadear as guerras e a principal delas é a fome. O mundo assistiu a segunda grande guerra mundial fundamentada em preconceitos e tirania, mas a base principal dela era a fome. 10 anos antes do início da Guerra em 1939, o mundo acabara de entrar em uma das piores crises econômicas da sua História, onde ocorreu uma fortíssima depressão econômica em 1929. Pessoas trocavam seus carros por um punhado de alimentos.

Espero que pensem com carinho no que acabaram de ler.

Não só o futuro está em jogo como profissionais, mas a paz mundial poderá ser abalada, se continuarmos sentados esperando com que os alimentos cheguem às prateleiras dos supermercados ou dos Bolichos.

Nada melhor do que nós mesmos para melhorarmos essa questão. A vida é baseada nos valores do campo e no conhecimento que a terra nos oferece. Cuidá-la leva muito além de técnicas e produtos. A intimidade com ela é tão necessária quanto um craque de futebol tem de uma bola. Aliem a oportunidade com essa necessidade. Mas da forma que a população cresce, será impossível levar o cultivo dos alimentos da forma em que levamos hoje. Serão necessários técnicas e mecanismos que aumentem a produção, que aperfeiçoem o plantio e a colheita (ou a criação em se tratando de animais), uma logística perfeita para o transporte da produção, redução dos custos para não encarecer o produto e uma preocupação constante com a qualidade

dos produtos comercializados.

Essa análise mais técnica que envolve toda uma produção e comercialização agrícola é o que nos falta. A intimidade com a terra muitos já possuem de criação. E o que falta? O que falta a faculdade está aí para suprir., pois o conhecimento que ela oferece auxilia na parte que lhes falta. A região do Vale do Jauru produz o que o mundo mais necessita de imediato. Carne, Milho, Leite, enfim, A.L.I.M.E.N.T.O.S. Não desperdicem essa oportunidade. Existe um ditado que o meu querido e saudoso velho sempre dizia que "cavalo arreiado só passa uma vez na vida". Não desperdicem essa vantagem de ser o centro das atenções do comércio mundial. Da forma em que as coisas se encontram, facilmente pode ser conseguido apoio ou incentivo para a criação de algum projeto que melhore a produção de alimentos ou a criação de animais. Quem for esperto, será a bola da vez. Outra frase que sempre ouvia de

meu saudoso pai é de que "quem chega primeiro, bebe água limpa". Não esperem as novidades virem de fora para melhorarem aqui. Exportem-nas. Inventem. Tentem. Construam, corram atrás, mas não desperdicem o conhecimento que a faculdade lhes oferece. Sem fundamentação técnica ninguém chega a lugar algum. O Mundo não suporta e não tem tempo mais para "achismos". Ninguém lhes dará oportunidade na vida, sem uma idéia calçada de uma boa fundamentação técnica por detrás. Não há mais espaço para acertar na base da sorte. E pra mim não existe sorte, sorte é toda ação que dá resultado sem fundamentação técnica nenhuma. A hora é agora. A necessidade do mundo é agora. A paz mundial e o futuro do Vale do Jauru poderão melhorar, por isso, não desperdicem. Façam com que ela produza mais e com melhor qualidade. E podem ter certeza, o seu esforço será recompensando, se vocês aliarem muito trabalho, amor, técnica e noções de economia.



\*Atuário pela PUC, especialista em Gestão do Estado e em Direito Público é professor da FCARP, da FASIP e da UFMT e Consultor Atuarial e de Aplicações Financeiras.

# Meio ambiente: ética e responsabilidade social

\*Anderson Paiva  
\*Hugo Fernando Fernandes  
\*Maraisa Fonseca Zancheta  
\*Reginaldo Nardeli  
\*Tatiane Teixeira  
\*\* Marcelo Porrua



O surgimento da questão ambiental como um problema que afeta o destino da humanidade tem mobilizado governos, a sociedade civil e até mesmo alguns grupos privados. Nas últimas décadas, todo um conjunto de práticas sociais voltadas para o meio ambiente se tem instituído, tanto no âmbito das legislações e dos programas de governo, quanto nas diversas iniciativas de grupos, de associações e de movimentos ecológicos.

Mas, apesar dessa crescente mobilização social, temos uma grande batalha pela frente. Assim como existem os grupos que se preocupam com o meio ambiente e seu futuro, existem os que sequer lêem a respeito, muito menos dedicam um pouco de seus preciosos tempos e recursos no sentido de preservar o que hoje é claramente considerado como uma herança universal.

Essa controvérsia ocorre devido a diferentes visões, valores e conceitos éticos que cada um de nós possui, esses funcionam como lentes em nossa visão da realidade. Tão habituados ficamos com os nomes e as imagens que vemos através das lentes, que nos esquecemos que esses conceitos não são a única tradução do mundo, mas apenas um dos inúmeros modos de recortá-lo, enquadrá-lo e assim tentar compreendê-lo e nos posicionarmos frente a ele.

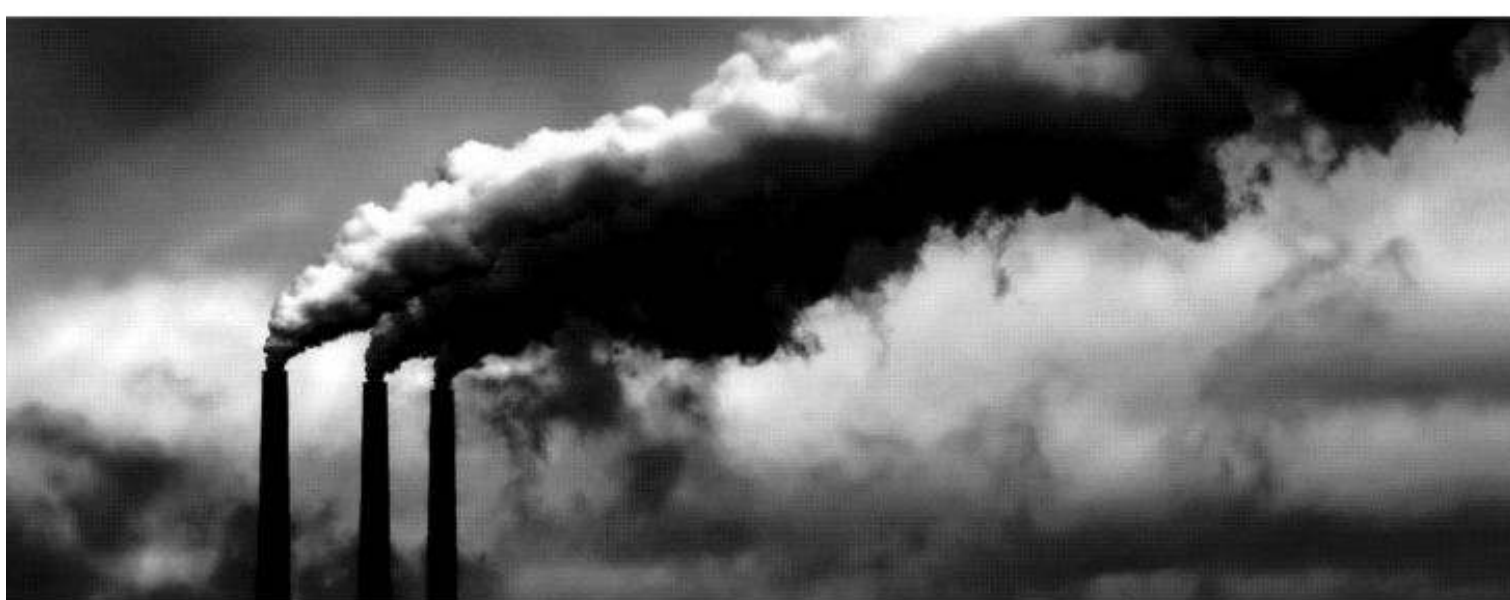
Mas afinal o que fazer diante do meio ambiente que grita por socorro constantemente?

Reportagens atuais (Folha de São Paulo) a este respeito são espantosas. Destacamos: o Pólo Norte pode ficar sem gelo em 2008, a taxa de CO<sub>2</sub> é a maior em 800 mil anos, o aquecimento global põe o urso polar em risco de extinção e ainda a cada dia que passa a vida na terra responde mais ao clima quente.

Essas realidades não estão apenas fora dos limites do território nacional, segundo relatório publicado no dia 14 de maio de 2008 pela ONG ambiental Global Canopy Programme, o Brasil é o 4º maior emissor de gases do efeito estufa por conta do desmatamento, perde anualmente até 26 mil quilômetros quadrados de florestas, gerando cerca de 400 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub>.

As situações acima descritas mostram que a presença humana e suas interferências no meio ambiente são os principais causadores de todas essas alterações. Mas, que caminho tomar diante de tudo isso?

Afinal, desenvolver uma consciência ambiental com princípios éticos capazes de preservar o ambiente e atingir a coletividade não é um ato que ocorre da noite para o dia, requer tempo, responsabilidade e mobilização coletiva, partindo para uma reflexão sobre as demandas oriundas da depredação da natureza, frutos do "vírus" da ganância econômica que tanto nos aflige.



Como podemos ver, a ganância econômica acaba por se tornar uma espécie de motor propulsor de uma sociedade capitalista, onde o "ter é mais importante que o ser". Deixando claro que, se hoje temos uma grande discussão em torno da questão ambiental e quais as atitudes que devemos tomar a este respeito, é porque a humanidade vem nestes últimos dois séculos, se comportando como predadora do meio em que habita, e em última instância, de si mesma..

Para alguns a visão naturalizada deste problema é a solução, esta visão tende a ver a natureza como o mundo de ordem biológica, essencialmente boa, pacificada, equilibrada, estável em suas interações ecossistêmicas, que segue vivendo como autônomo e independente da interação com o mundo cultural humano e quando isso ocorre afeta seu equilíbrio natural diretamente.

Existem aqueles que, segundo Peter Singer, em sua obra intitulada *Ética Prática*, propagam a teoria ocidental dominante, uma corrente que foi largamente defendida durante pelo menos dezoito séculos, no sentido de que o mundo natural existe exclusivamente para o benefício e proveito em favor dos seres humanos, não importando como estes o tratam.

Já para outros, o ponto de vista sócio-ambiental é o caminho mais correto a se seguir, neste caminho a natureza e os humanos, bem como a

sociedade e o ambiente, estabelecem uma relação de mútua interação, formando um único mundo, no qual as modificações resultantes da ação humana nem sempre são predadoras, podendo muitas vezes serem sustentáveis.

Diante dessas três distintas correntes, surge um questionamento de suma importância: afinal os *homo sapiens* e o meio ambiente são superiores, inferiores ou iguais?

Como podemos ver, a maioria dos seres humanos possui ainda uma dificuldade imensa de interagir de forma produtiva e racional com a natureza, pois sempre estes se colocam na posição de superiores ao meio ambiente, ou inferiores a ele tentando sempre dominá-lo. Isso ocorre devido aos séculos que a tradição ocidental dominante influenciou nossos princípios éticos e morais com relação a este assunto.

Outra ameaça constante à proteção do meio ambiente é a falta de uma ética ambiental universalmente válida, acompanhada de uma educação bem estruturada, desenvolvida e aceita a nível mundial, o que evitaria o relativismo e subjetivismo ético, pois o que para uma pessoa possui um grande valor, para outra pode não ter valor algum ou um valor ínfimo.

Cumpramos ressaltar, que enquanto todas essas discussões são travadas em relação a como devemos nos portar diante desta problemática, a poluição, o

uso de gases prejudiciais à camada de ozônio, a queima de combustíveis fósseis, o aumento do efeito estufa e a destruição das florestas, continuam em uma velocidade assustadora, o que nos mostra a necessidade de uma política ambiental rápida que dê resultados.

Ou do contrário, as paisagens, belezas e espécies que hoje são por nós desfrutados e admirados, nas próximas décadas e séculos poderão fazer parte da grande lista das espécies em extinção, que pelas gerações futuras serão conhecidas apenas por fotos e textos científicos a respeito de sua exuberância e das causas de seu desaparecimento, quando a nossa espécie será apontada como a grande vilã.

Assim, um bom começo para reciclar nossos conceitos e atitudes éticas em relação ao mundo natural, é trocar as "lentes", para ver as mesmas paisagens com olhos diferentes. Pois ao trocá-las, vamos ser capazes de compreender a natureza como ambiente, ou seja, lugar das interações entre a base física e cultural da vida neste planeta, sem a qual não seremos capazes de sobreviver sequer um segundo, nos tornando assim uma das últimas espécies a integrar a lista dos seres em extinção.

\*Acadêmicos do 1º semestre de Direito

\*\* Mestre em Educação e professor de Ética Geral FCARP

# O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA: uma interpretação possível

\*Cláudia Graciela Correa Bento  
\*Cristiane Rosa Oliveira Souza  
\*Jackeline Marques de Souza  
\*Elen Priscila Lopes de Castro  
\*Elton Douglas do Carmo de Oliveira  
\*Maíara Daiane de Oliveira Freitas  
\*\*Marcelo Porrua

O fenômeno da violência emergiu como um problema para os indivíduos e as sociedades nos últimos anos. Assumiu a proporção de um debate popular, expresso tanto na conversa cotidiana dos cidadãos, como pauta de discussões nas instituições que compõem a sociedade.

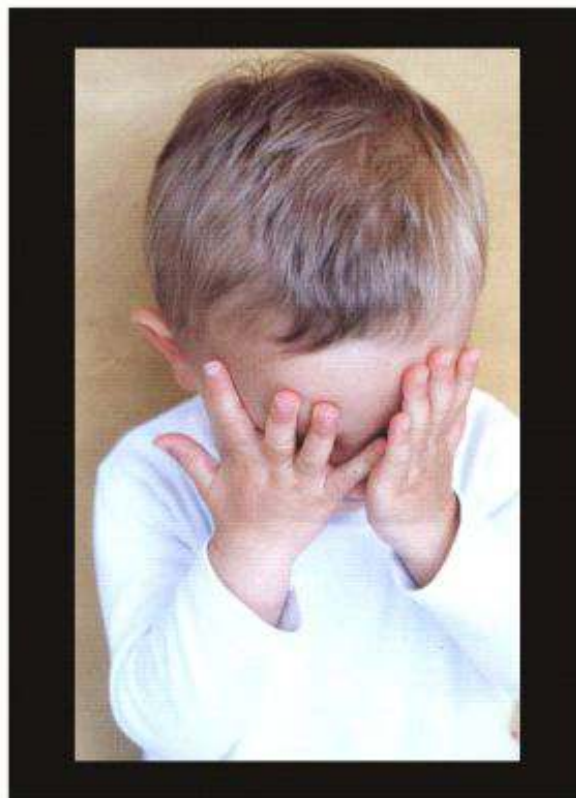
A resposta a estes fenômenos tem se mostrado múltipla e, diversas vezes, abrangendo uma série de medidas. De modo mais comum, as pessoas se armam e cercam as casas. As comunidades fazem passeatas pedindo paz e o governo procura implantar medidas como a restrição a venda de armas e investimento em presídios de alta segurança. O tema da segurança é incluído na agenda do dia de muitos organismos e grupos sociais.

A necessidade do ser humano de alcançar um objetivo, a busca pelo poder e a preparação para um mundo cada vez mais competitivo, faz muita das vezes deixarmos de lado os valores morais e éticos.

No mundo globalizado e neoliberalizado, os valores cobrados são outros, levando-nos a um pensamento egoísta, pois não se fala de equipe coesa e forte, em que cada um desenvolve competências diferentes e se completam, mas, o que percebemos é que o ser humano se vê muitas vezes sozinho no ápice de sua conquista, sem avaliar dentro do ponto de vista ético o que fez para chegar lá. Uma clara demonstração dos ensinamentos do pensador Maquiavel, autor do célebre frase "os fins justificam os meios".

A família representa o alicerce de toda a estrutura da sociedade, as raízes morais e a segurança das relações humanas. Mas se nos confrontarmos com a realidade da vida moderna, podemos observar um conjunto de fatores de ordem moral, sentimental, econômica e jurídica que concorrem para o desvirtuamento do conceito tradicional de família. Na verdade, uma parcela significativa dos pais está despreparada para orientar seus filhos. Em inúmeras famílias o modelo de educação mais constante parece ser aquele que inclui a violência física contra a criança e o adolescente, como um dos métodos para educar. Sem falar em outros fatores que fortalecem o crescimento da violência.

Há toda uma falha do sistema escolar, que, como difusor de cultura, deveria não apenas ter a função de formação de "doutores". Mas deveriam formar personalidades com valores morais voltados para referência de vivência em grupo, na coleti-



vidade, não deixando que esses valores fiquem ultrapassados ou cedam totalmente ante a ordem econômica global contemporânea, que, diga-se de passagem, é perversa e desumanizadora.

Tentamos muitas vezes achar justificativas para explicar a violência. É a desigualdade social, é falta de escola e de cultura, é a pobreza, são as drogas, o álcool, será que conseguimos justificar esses atos? Ato que elimina crianças inocentes, jovens sonhadores, que separam famílias e nos trazem um sentimento de revolta gerando mais violência. Como parar esse ciclo vicioso?

É cruel e nos dá indignação, a falta de escola, pobre não ter direito à moradia e à saúde, o salário ser de fome, a guerra entre nações, a má distribuição de renda. Tudo isso é revoltante, mas o que mais nos preocupa, é que tudo isso possa ser motivo ou justificativa para mais injustiça e violência.

A não observância de condutas éticas traz graves consequências à coletividade, atitudes de violência aliadas ao desejo do poder ou de justiça, ou de se chegar a um fim, não se importando com os meios, podendo ser pela persuasão ou coação, é preocupante e grave. Esses desejos são expressos muitas vezes através da força, com finalidade de manter, destruir, ou construir um direito, colocando limites ou negando a integridade e o direito de outros. Isso tudo mostra o quão frágil é o elo entre o comportamento moral e individual e a consciência ética coletiva.

É necessário reavaliar nossos conceitos de justiça, moral e ética e a que fim desejamos chegar; para não nos vermos sozinhos como egoístas, em busca apenas do nosso interesse pessoal.

\* Acadêmicos do 1º semestre do Curso de Direito FCARP  
\*\* Mestre em Educação, Prof. de Ética Geral FCARP

# NOTÍCIAS FC@RP



Olimpiadas Universitárias  
Matogrossense  
FCARP vice-campeã basquete feminino



Especialização em Gestão Empresarial  
2ª Turma FCARP



I Semana de Atividades Complementares  
do Curso de Direito



Especialização em Gestão Empresarial  
2ª Turma FCARP



Avaliação  
Institucional



**II Seminário de Ética Prática**



**II Atividade Complementar de Direito**



**Viagem à Campo Grande**



**II Troféu FCARP de Atletismo**



**II Mutirão Digital**



**DESFILE CÍVICO**



**Atividades rítmicas e expressivas**



**I Arraiá da FCARP**



**II Tarde Aquática FCARP**



**II Ciclo de Palestras em Administração**

[www.fcarp.edu.br](http://www.fcarp.edu.br)

# A IGREJA E OS JOVENS

\* Pe. Evandro Stefanelo

Sempre nos perguntam o que a Igreja tem a oferecer aos jovens de hoje, ou o que ela fala e pensa dos jovens de hoje. Esta é uma pergunta importante para que possamos conhecer o pensamento, a doutrina da Igreja.

É de se notar que a evangelização dos jovens é algo querido pela Igreja e por seus pastores, pois a Igreja sempre teve um compromisso sério com a formação das futuras gerações, principalmente hoje, que são pressionadas por tantas propostas de vida que não levam a um discernimento maduro. Por isso a Igreja quer ajudar os jovens a discernir sobre seus valores e escolhas para a vida. "Os jovens têm direito de receber da Igreja o Evangelho e de ser introduzidos na experiência religiosa, no encontro com Deus e no contato com as riquezas da fé Cristã. E os Pastores da Igreja têm grande desejo de lhes comunicar a Boa Nova de Jesus Cristo e de acolhê-los na comunidade eclesial" (Apresentação Estudos 93 da CNBB).

A Igreja entende que o seu presente e futuro dependem da nossa opção afetiva e efetiva pelos jovens. Os jovens residem no coração da Igreja e são, ao seu tempo, fonte de renovação da sociedade, buscando, é claro, a felicidade. A Igreja sempre esteve olhando e continua olhando para os Jovens com o desejo de lhes mostrar e indicar o verdadeiro Mestre que os convida a viver com Ele. Lembremo-nos do carinho que o Papa João Paulo II tinha para com os Jovens.

Estando junto com os jovens a Igreja quer ajudá-los a perceber que são filhos amados de Deus e irmãos de todos e que são capazes de entender e acolher com muita alegria a Boa Nova de Jesus Cristo que nos transforma a partir de dentro de cada um e ao seu redor. A Igreja quer apresentar aos jovens uma fé que seja um encontro amoroso com Deus e não um encontro de medo. "No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande idéia, mas o encontro com um acontecimento, com uma pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo" (Bento XVI, Encíclica "Deus é Amor", no. 1).

É desejo da Igreja renovar a opção afetiva e efetiva pela juventude, buscando conjuntamente propostas concretas que nos levem a uma verdadeira evangelização dos jovens, principalmente nesta época de mudan-

ças ou mudança de época em que nós vivemos. Na verdade constata-se que essa mudança de época causa uma agonia nos jovens, pois não sabemos onde todas essas mudanças vão dar. Queremos abrir caminhos que favoreçam o desenvolvimento dos jovens na sua totalidade e não apenas em um dos aspectos da sua vida.

Para que a Evangelização dos jovens seja mais eficaz é preciso conhecer os jovens.. "A modernidade abriu as portas do mundo para uma nova atitude do homem e da mulher frente à vida, acentuando a centralidade da razão, a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Num primeiro momento, a Igreja fragilizou-se ao resistir à possibilidade de mudança, distanciando-se da juventude, da sua linguagem, suas expressões e maneiras de ser e viver diante do avanço da modernidade" (Documento da CNBB, Evangelização da Juventude, no. 11). Uma das grandes novidades do Concílio Vaticano II foi abrir a Igreja às mudanças do nosso tempo, é claro que essa abertura é e sempre será pautada pela cautela e não pela moda ou pela onda, pois a moda acaba em alguns meses e a onda não se sabe onde quebra. A Igreja, nesse sentido, é sempre pautada pela cautela e pela experiência de dois mil anos de existência, de erros e de acertos (foram mais acertos do que erros).

Hoje vemos que, ao lado da cultura moderna, está se fortalecendo a cultura da pós-modernidade. Na pós-modernidade constatamos uma mudança no cenário,



velocidade e volume de informações, a rapidez com que a tecnologia muda o cotidiano das pessoas, novos códigos e comportamentos. Porém, a pós-modernidade não aboliu os valores da modernidade: democracia, diálogo, a busca da felicidade humana, a transparência, os direitos individuais, a liberdade, a justiça, a sexualidade, a igualdade e o respeito à diversidade. São esses os valores que a Igreja, hoje, procura acolher para não encontrar dificuldades na evangelização dos jovens.

"Os jovens de hoje e a Igreja em que vivem são influenciados pelos impactos da modernidade e da pós-modernidade. Alguns elementos deste momento histórico exercem grande influência na mentalidade, nos valores e no comportamento de todas as pessoas. Ignorar estas mudanças é dificultar o processo de evangelização da juventude. [...] Dentre os muitos elementos da nova cultura pós-moderna que influem no processo de evangelização dos jovens e no fenômeno da indiferença de uma parcela da juventude frente à Igreja, destacamos a subjetividade, as novas expressões da vivência do sagrado e a centralidade das emoções" (Documento da CNBB, Evangelização da Juventude, no. 14-15).

A Igreja sabe que, para Evangelizar os jovens, tem a tarefa de entender sua subjetividade, principalmente na cultura moderna e pós-moderna. Somente compreendendo a sua subjetividade é que a Igreja terá condições de entender o mundo em que o jovem vive e assim oferecer a ele algo que possa ser de apoio e ajuda, visto que a cultura pós-moderna transformou a subjetividade em algo que "gera [...] a permissividade, o egoísmo, a identificação simples da felicidade com o prazer, a incompetência para lidar com a pluralidade de solicitações e ofertas, entre outras. Estas questões afetam a subjetividade humana, particularmente a juvenil" (Documento da CNBB, Evangelização da Juventude,

no.16). O que a Igreja quer propor aos jovens é que eles saibam buscar um equilíbrio entre o projeto individual e o coletivo.

Percebemos que os jovens, hoje, estão redescobrando a dimensão religiosa, há uma grande busca de espiritualidade que dê sentido e gosto à vida.. Porém, constatamos também que é uma religiosidade individual, o que não é bom para a vivência em comunidade. É uma espiritualidade sem compromisso com uma religião. Eu acredito em Deus, mas não possuo religião. "Frente a tanto medo, pressão e caos, muitas pessoas voltam-se para vários tipos de manifestações religiosas e místicas (ocultismo, nova era, esoterismo, horóscopo, astrologia...) [...] Há estudos que demonstram que muitos jovens estão procurando razões para viver sem envolver-se com uma 'igreja'. Trata-se de uma espiritualidade centrada na pessoa e não a partir de uma vivencia institucional e, por isso, busca-se algo que satisfaça suas necessidades" (Documento da CNBB, Evangelização da Juventude, no. 19-20).

Outra questão preocupante é a centralidade da emoção em detri-

mento da razão. Não está acontecendo um equilíbrio, pois como diz o ditado: "a virtude está no meio e não nos extremos". A absolutização das emoções leva a um esvaziamento intelectual, além de banir da vida do jovem a consciência crítica, deixando-o propenso à superficialidade e à falta de perseverança. "Há necessidade de levar em conta os dois enfoques da cultura contemporânea e manter um equilíbrio entre os dois pólos: o racional e o emocional. Emoções, sentimentos e imaginação precisam ser integrados em uma metodologia que tenha objetivos claros. Ao mesmo tempo, a razão deve deixar espaço para as emoções e a imaginação" (Documento da CNBB, Evangelização da Juventude, no. 25). É essa uma das grandes propostas da Igreja para os jovens.

Existem muitas outras propostas para a Evangelização dos jovens que não temos condições de tratá-las em sua totalidade neste artigo. Para início de conversa acredito que seja o suficiente.

\*Professor de Cultura Teológica FCARP



# A Felicidade nossa de cada dia

\*Elizângela Inocência Mattos

Embora haja ainda hoje uma imagem da filosofia que a defina como algo desnecessário a ação humana, o propósito deste texto é demonstrar como o filosofar, tão presente no cotidiano de cada um, auxilia no bom convívio entre todos.

Uma verdade bastante conhecida, é que nascemos para viver em sociedade. Assim, o "eu", cheio de suas próprias coisas, precisa aprender a conviver com outros "eus", e isso naturalmente gera conflitos, o que não pode ser de outra maneira. Dado o fato de que não temos os mesmos hábitos, o mesmo gosto, a mesma maneira de lidar com as emoções, com os acontecimentos. No entanto vivemos em sociedade, mesmo que às vezes certas situações adversas nos coloquem na condição de querermos viver sozinhos.

Em um livro chamado *Ética a Nicômaco*, o filósofo Aristóteles chama a atenção para o propósito da vida humana: a felicidade. Estamos todos aqui, cada qual a seu modo, no propósito de ser feliz. E dizer como ser feliz é complicado, pois sendo diferentes, temos cada um, um jeito de ser feliz: existem àqueles para os quais a felicidade é ter bastante dinheiro, é possível que grande parte de nós esteja aqui; já outros, apreciam mais a felicidade em estar com a pessoa amada, um almoço em família, um gesto de carinho, esse grupo certamente é bem menor que o outro. Parece até ser comum que, ao ganhar um presente, o sujeito se preocupe mais em quanto custou qual a marca, do que o carinho ofertado na atitude de ganhar um presente. É o mercado que, para além do trabalho, chega às relações humanas e é preciso tomar um cuidado, para que não nos tornemos coisas, entre tantas coisas que temos.

A questão que se instala é a seguinte: com toda correria do dia a dia, com toda urgência presente em nosso meio, como dedicar um tanto de tempo para fazer as coisas atribuídas aos filósofos? Primeiro que os filósofos não fazem nada de

outro mundo, mas fazem coisas de nosso mundo, se preocupando com as relações humanas, o bem querer, o pensar e o agir para uma vida em sociedade.

Eis uma grande contribuição da filosofia para o cotidiano de cada um. Se por exemplo, compreendo que o uso da razão me impede de errar, sendo ela uma faculdade do juízo, o que necessito é me conhecer o bastante para poder controlar situações onde a razão não seja superior. Uma decisão no calor da emoção pode ser a melhor escolha, mas na maioria das vezes, uma decisão errada, pelo fato de não ter sido a razão o elemento presente, mas a emoção. A razão é sensata, para colocá-la sempre em uso é necessária, uma dificuldade já apontada pela filosofia dos antigos: conhecer a si mesmo.

Em um mundo onde todos devem ser competitivos, é até compreensível que eu me atenha em conhecer meu concorrente, seu ponto fraco a fim de derrotá-lo que antes conhecer a mim, eis o erro. Se me conheço o bastante para saber até onde posso ir, posso com maior segurança competir pelo melhor com o outro. No entanto, vale compreender que o outro, sendo um concorrente, também deseja o que eu quero entender isso é viver em sociedade. Devemos todos cuidar pelo bem comum.

Certas atitudes, aparentemente simples podem ajudar: respeito a todos, isso aprendemos, fazemos sempre? Respeito às normas sociais, as leis, aos valores, ser competitivo sem ser leviano, sem trapacear, mesmo às escondidas, é zelar pelo bem comum. Assim, perceber o espaço do outro é antes perceber o outro, é viver em sociedade. Para isso nascemos para isso vivemos.

\*Mestre em Filosofia pela Unicamp, professora de Filosofia na Fcarp



## GRUPO BOLA SETE



**Combustíveis TCQ**  
**Total Controle de Qualidade**

[www.postobolasete.com.br](http://www.postobolasete.com.br)

**O nosso desafio é conquistar você!**

Rua Carlos Luz, 947 - Centro  
Fone: (65) 3261-1287 - Fax: Rm.26  
Cep 78260-000 - Araputanga - MT

Av. 23 de Maio, 726 - Centro  
Fone: (65) 3261-1620  
Cep 78260-000 - Araputanga - MT

Av. Dep. Aldo Ribeiro Borges, 395  
São Sebastião - Fone: (65) 3261-2827  
Cep 78260-000 - Araputanga - MT

**21ª EXPOARA**  
21ª FESTA DO PEÃO DE BOIADEIRO  
09 A 17 DE AGOSTO 2008 - RECINTO - ARAPUTANGA - MT  
ASSOCIAÇÃO DOS ADMINISTRADORES RECINTO EXPOSIÇÃO ARAPUTANGA  
[www.recintoexpoara.com.br](http://www.recintoexpoara.com.br)

**ALIANÇA**  
**MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO**  
*Materiais Elétricos, Tintas, Pisos, Azulejos, Telhas, Caixas D'Água, Materiais p/ pesca e Ferragens em Geral*  
TEL: 3261-1233 - TELEFAX: 3261-1973  
Rua Duque de Caxias, 15 - Araputanga - Mato Grosso

**AUTO POSTO ARAPUTANGA**  
Produtos com Qualidade  
(65) 3261-3073/3074  
Av. Dep. Aldo Ribeiro Borges, 817 - Jd. Primavera  
Cep 78260-000 - Araputanga-MT



**SUPER VARIEDADES**  
TUDO A PARTIR DE 1,99  
Super Variedades  
(65) 3261-2129

**WIZARD**  
INGLÊS COM LIBERANÇA  
Inglês e Espanhol Em Araputanga  
(65) 3261-1975 / 9989-0775





**SICREDI**

## Municípios

ARAPUTANGA
COMODORO
CONQUISTA D'OESTE
FIGUEIRÓPOLIS D'OESTE
JAURO
LAMBARI D'OESTE
NOVA LACERDA
PONTES E LACERDA
RESERVA DO CABAÇAL
SALTO DO CÉU
SÃO JOSÉ DOS QUATRO MARCOS
VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

**COOPNOROESTE**



**LACBOM**

*NÓS FAZEMOS A DIFERENÇA!*